
UM ESTUDO A RESPEITO DA CARTA DE HEIDEGGER “SOBRE O HUMANISMO” (DESTACANDO ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A FILOSOFIA DO DIREITO)

Márcia Regina Pitta Lopes Aquino - Bacharela em Direito. Especialista em Filosofia. Mestre em Direito. Doutoranda em Filosofia do Direito.

Willis Santiago Guerra Filho - Bacharel em Direito. Especialista, Doutor e Pós-Doutor em Filosofia. Mestre e Doutor em Direito. Livre Docente em Filosofia do Direito. Professor Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professor Colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Candido Mendes. Pesquisador das Universidades Paulista e Presbiteriana Mackenzie.

Introdução

Muitas eram as cartas endereças a Heidegger (1889 – 1976), porém poucas eram as que mereciam resposta do filósofo já que eram poucos também os pensadores que compreendiam, de fato,

o conteúdo de suas obras, especialmente *Ser e Tempo* (1927). As cartas vinham de toda parte do mundo.¹

Eram tempos difíceis aqueles em que Heidegger responde a carta de Jean Beaufret que dá origem ao texto "Sobre o Humanismo".² Era 1946. Quase nada além desta informação precisa ser dita para que se compreenda a dificuldade a que se refere. Depois de anos de barbárie, a possibilidade do "humanismo" toma a atenção de grandes pensadores como Sartre e Heidegger.

A vida de Heidegger, à essa época, era a de um 'proscrito' e a referência a uma passagem em que Heráclito está numa situação de simplicidade, aquecendo-se em frente a um forno parece ter um grande significado, como bem salienta Safranski³. Heidegger também estava vivendo uma vida pobre e modesta e, talvez, também precisasse de um forno para se aquecer. "Não havia combustível em Freiburg; a cabana de Todtnauberg (...) precisava de consertos; não é mais adequada para suportar o inverno e falta material para a reconstruir." O afastamento da Universidade e a espera dos dois filhos que eram prisioneiros de guerra russos oprimiam Heidegger.⁴ O frio provavelmente não era sentido apenas no corpo.

Após 1945, o primeiro documento público do pensar de Heidegger é o texto "Sobre o humanismo". Jean Beaufret foi importante discípulo e amigo de Heidegger e a pergunta que lhe endereçou: "de que maneira se pode devolver o sentido da palavra humanismo?" representa uma oportunidade a Heidegger – que já havia tentado um encontro pessoal - para responder a um

¹ CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 109

² Neste estudo será usada, basicamente, a tradução de Ernildo Stein presente no volume XLV. HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. p. 345 – 373. Coleção Os pensadores. Todavia, recorrer-se-á em alguns momentos à tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão: HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1967.

³ SAFRANSKI. Rüdiger. Heidegger um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. Tradução Lya Luft. Apresentação de Ernildo Stein. São Paulo: Geração Editorial, 2005. p. 414

⁴ SAFRANSKI. Rüdiger. Heidegger um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. p. 414

ensaio de Sartre aparecido pouco tempo antes. Este ensaio - “O Existencialismo é um humanismo” – teve grande repercussão por toda a Alemanha. “Depois de uma conferência, a 29 de outubro de 1945, baseada nesse ensaio, o existencialismo de Sartre se tornara, quase do dia para a noite, objeto de culto na Europa.” Muitos se reuniram ali, se acotovelaram, para ouvi-lo. “A insistente formulação de Sartre ‘a existência precede a essência’, atingiu na Alemanha destruída o sentimento de vida daqueles que depois da catástrofe se reencontravam sob os escombros, conscientes de mais uma vez terem escapado. Quem salvara a sua existência podia afinal recomeçar. Exatamente nessa compreensão a frase filosófica altamente sutil fez carreira na Alemanha do pós-guerra.”⁵

No ensaio, ao tentar definir o Existencialismo, Sartre afirma que a dificuldade está em existirem dois tipos de existencialistas. De um lado, os cristãos como Jaspers e Gabriel Marcel e, de outro, os ateus como Heidegger e ele próprio. Todos teriam em comum o fato de admitirem “que a existência precede a essência.” E continua mais a frente opondo-se a frase contrária – a essência precede a existência - afirmando: “O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana.” Para Sartre, o homem primeiramente existe, depois se define.⁶ Em suas palavras: “(...) só há realidade na ação (...) o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida.”⁷ O ser humano, portanto, para o Existencialismo elaborado por Sartre, define-se pelo seu agir. É exatamente sobre o agir que fala Heidegger no início de

⁵ SAFRANSKI. Rüdiger. Heidegger um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. p. 417

⁶ SARTRE. Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução Vergílio Ferreira. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978. p. 213

⁷ SARTRE. Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. p. 241

sua resposta a Jean Beaufret (leia-se a Sartre) para depois chegar à questão do humanismo e da necessidade de uma Ética.

1. ANTES DA QUESTÃO SOBRE O HUMANISMO

Heidegger inicia o texto com uma advertência: "Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência⁸ do agir". Conhecemos o agir como o produzir de um efeito e, assim, avaliamos sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Porém, essa não é a essência do agir, explica Heidegger. A essência do agir é o consumir. E consumir significa levar alguma coisa até a plenitude de sua essência, em outras palavras, levá-la ao sumo. Só se leva à plenitude o que já é e o que é, antes de tudo, é o ser. O pensar leva à plenitude a relação do ser com a essência do homem, porém não produz nem efetua essa relação. O pensar apenas **oferece** ao ser essa relação do ser com a essência do homem. E, no que consiste esta oferta? "Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e poetas são os guardas desta habitação."⁹ Como se exerce essa guarda pelos pensadores

⁸ É necessária atenção especial ao termo 'das Wesen', tão caro ao vocabulário heideggeriano, traduzido por 'a essência'. Irene Borges Duarte, em prólogo à obra: Heidegger, Martin. Caminhos de floresta. Tradução de Irene Borges Duarte. et al. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, já manifesta a dificuldade de tradução do termo 'wesen' - que no sentido verbal de 'estar-a-ser' ou 'essenciar-se', "pelo qual o ser vem a estar-em-presença (anwesen), no não-estar-encoberto (Un-verborgenheit) da sua verdade"- não possui expressão direta em português, "como não há no alemão contemporâneo, pelo que também Heidegger houve de recorrer a um arcaísmo para dizer o que pretendia." Como substantivo no texto ora estudado - explica Emmanuel Carneiro Leão - o termo não designa "natureza, quiddidade, mas a estrutura em que vigora, i.é. desenvolve a força de seu vigor, o agir(grifo dos articulistas)." E para exprimir esse sentido ele, em sua tradução, grafa o termo sempre com maiúscula: 'Essência'. HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Tradução emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 23

⁹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 347 A citação dessas últimas frases, como é possível notar, foi feita de forma literal. Trata-se, como já referido, da tradução de Ernildo Stein. Todavia, a referência à tradução de Emmanuel Carneiro Leão, destas frases, pode colaborar para o entendimento do pensamento de Heidegger. O que aquele traduz por "relação entre ser e a essência do homem", o último o faz por referência, não no sentido do nexa entre duas coisas, mas como "suporte da Verdade do Ser na existência, que faz com que o homem existindo possa reportar-se ao Ser." Também o que está na tradução de Ernildo Stein como "... no pensar o ser ter acesso à linguagem", na tradução de Emmanuel Carneiro Leão encontra-se: "... no pensamento, o Ser se torna linguagem". "Con-sumar quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo,

e poetas? Exercem essa guarda, essa vigília levando à plenitude a manifestação do ser, à medida que levam a manifestação do ser à linguagem e na linguagem conservam essa manifestação.¹⁰ O pensar não se transforma em ação porque irradia um efeito ou porque pode ser aplicado, mas o pensar ‘age’ – se transforma em ação – enquanto se exerce como pensar. É, “provavelmente, o mais singelo e, ao mesmo tempo, o mais elevado agir porque interessa à relação do ser com o homem.”¹¹

A eficácia¹² sempre se funda no ser e se espraia sobre o ente. Com o pensar é diferente: ele – o pensar – “deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser”. O pensar leva à plenitude esse deixar-se requisitar. Assim, o pensar é engajamento pelo ser para o ser. Nisto há algo de sujeito e objeto. Todavia, não se pode esquecer que essas expressões – sujeito e objeto - são expressões inadequadas de origem Metafísica. A Metafísica muito cedo se apoderou da interpretação da linguagem na forma da Lógica e Gramática ocidentais: aprisionou a linguagem. A libertação da linguagem está reservada para o pensar e poetizar.¹³

à plenitude de sua Essência. Levá-la a esse plenitude, producir. Por isso, em sentido próprio, só pode ser consumado o que já é. Ora, o que é, antes de tudo, é o Ser. O pensamento consuma a referência do Ser à Essência do homem. Não a produz nem a efetua. O pensamento apenas a restitui ao Ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser. Essa restituição consiste em que, no pensamento, o Ser se torna linguagem. A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem.” (grifo da articulista). HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 24

¹⁰ “A ação do pensamento consiste, pois, em trazer o ser à linguagem, mas tal ação apenas se dá na medida em que o próprio pensamento se expõe ao apelo (Anspruch) do ser, correspondendo ao ser no dizer de sua verdade histórica. Velar por tal morada em pensamento e linguagem é restituir ao homem sua essência, cuidar para que a humanidade do homem não se torne inumana, estranha a sua essência. Em outras palavras, a essência do humano só é na medida em que o homem é reclamado, apelado ou reivindicado pelo ser, o que, evidentemente, exige que tal apelo seja escutado e correspondido em uma linguagem conveniente, apropriada ao ser. Apenas nessa solicitação correspondida pode o humano encontrar a morada de sua essência e ser o falante que ‘tem’ a linguagem como o albergue de sua essência.” DUARTE, Andre. Foucault e Heidegger, críticos do humanismo e da ‘época’ moderna. In: Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 85

¹¹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 347

¹² Na tradução de Emmanuel Carneiro Leão: “Toda produção se funda no Ser e se dirige ao ente. O pensamento ao contrário se deixa requisitar pelo Ser a fim de proferir-lhe a Verdade.” HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. p. 25

¹³ Aqui também é preciso trazer ressaltar o que em nota à tradução de “Introdução à Metafísica”, Emmanuel Carneiro Leão explica a respeito dos termos ‘pensar’ e ‘poetizar’, mas já advertindo que uma nota de rodapé

Para aprendermos a experimentar a essência do pensar – o que significa ao mesmo tempo realizar a essência do pensar – devemos nos libertar da interpretação técnica do pensar que remonta a Platão e Aristóteles. (...) “A caracterização do pensar como teoria e a determinação do conhecer como postura ‘teórica’ já ocorrem no seio da interpretação ‘técnica’ do pensar”. O empenho da Filosofia em justificar sua existência em face das ‘Ciências’ buscando mostrar-se ela mesma como ciência já é o abandono da essência do pensar. “Na interpretação técnica do pensar, é abandonado o ser como elemento do pensar”. A Lógica sanciona a interpretação técnica do pensar desde a Sofística e Platão. Porém, ela – a Lógica – é uma forma inadequada de julgar o pensar. Explica Heidegger: é como se procurássemos avaliar a natureza do peixe de acordo com sua capacidade de viver em terra seca. Há muito tempo o pensar está fora de seu elemento. E ele pergunta: “será possível chamar de ‘irracionalismo’ o reconduzir o pensar ao seu elemento?”. O elemento do pensar é o ser.¹⁴

não é lugar suficiente para “se discutir a dialética de identidade e diferença entre pensar em poetar. Pode-se apenas sugerir o problema”. Explica o tradutor: “A conjunção desses dois verbos, ‘denken’ (= pensar) e ‘dichten’ (poetar) possuem em Heidegger um significado profundo e essencial. Num como no outro comportamento do homem a essencialização originária é a mesma. As palavras portuguesas, ‘poesia’, ‘poetar’, ‘poeta’ traduzem mal o que Heidegger quer dizer com ‘Dichtung’ (poesia), ‘Dichten’ (poetar), ‘Dichter’ (poeta). Em todas elas ele se reporta à dimensão originária expressa, de alguma maneira, na palavra alemã ‘dichten’. Etimologicamente ‘dichten’ tem o sentido de ‘colher’, ‘ajuntar’, ‘concentrar’, ‘reunir’. Assim o adjetivo ‘dicht’ significa ‘concentrado’, ‘denso’, ‘compacto’,; ‘auf etws dichten’, significa ‘concentrar-se em alguma coisa’ e por conseguinte ‘meditar’, ‘pensar nela’,. Refletindo nessa direção chegar-se-á a compreender o sentido da frase de Nietzsche de que ‘os pensadores (Denker) e poetas (Dichter) moram em montanhas vizinhas mas separadas’. Para Heidegger pensar e poetar, pensamento e poesia são a mesma coisa (das Selbe) sem serem iguais (das Gleiche). Trata-se aqui da dialética da identidade e diferença, evocada por Hölderlin na frase: ‘enquanto estão em pé, permanecem separados os troncos vizinhos’. Aqui se aprofunda a observação acima referida de Nietzsche.” HEIDEGGER, Martin. Introdução à Metafísica. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. p. 218

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 348

Para melhor compreensão do que significa a ‘interpretação técnica do pensar’ remete-se o leitor a outro texto de Heidegger: HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. In: Ensaios e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes. 2010. p. 11-38. Coleção Pensamento Humano. p. 11 – 38. Ainda em auxílio de tal compreensão veja-se a aproximação desse texto sobre a essência da técnica ao filme “Matrix” proposta em: AQUINO, Márcia Regina Pitta Lopes. GUERRA FILHO, Willis Santiago. Matrix como a essência da técnica segundo Heidegger. Fenomenologia e Direito. Rio de Janeiro, v.5, Número 2, p. 97-125, out.2012/mar.2013.

É importante ressaltar que há um texto de Heidegger publicado em 1954 como resultado de reflexões e conferências anteriores, no qual ele propõe pensar a essência da técnica moderna¹⁵ e a denomina composição (Ge-stell): o apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que des-encobre como dis-ponibilidade. Essência é o que perdura, mas não no sentido metafísico de uma ideia que paira acima de tudo, mas, sim, no sentido de que “somente dura o que foi concedido. Dura o que se concede e doa com força inaugural, a partir das origens. Como vigência da técnica, a composição é o que dura.” Porém, des-encobrimento (alethéia) também era o que se dava entre os gregos, mas como pro-dução (poiesis). Há, portanto, um parentesco entre o produzir como poiesis e o dis-por explorador da técnica moderna. Ambos são descobrimentos, destinos, envios, apelos que desafiam e impõem ao homem o des-cobrimento do real. A composição é um destino, um envio que põe o homem no caminho de um des-encobrimento, “que ameaça trancar o homem na dis-posição, como pretensamente o único modo de descobrimento. Trancado, o homem fica ameaçado de abandonar sua essência de ser livre.¹⁶

Procura-se a essência da técnica moderna e chega-se à essência da verdade, como liberdade, no que concerne ao humano. Esse tema é particularmente tratado no texto “Sobre a essência da verdade”.¹⁷ E a essência da verdade, afirma Heidegger, é a liberdade. No pensar heideggeriano, o objeto se opõe a nós, enquanto *Gegen-stand*, o que se põe contra e, assim, cobre um âmbito no qual se dá o nosso encontro, mas precisamos nos ter instaurados como livres dentro desse aberto para aquilo que nele se manifesta e que vincula toda

¹⁵ HEIDEGGER. Martin. A questão da técnica. Trad. Emmanuel Carneiro Leão.. In: Ensaio e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes. 2010. p. 11-38. Coleção Pensamento Humano. p. 11 - 38

¹⁶ HEIDEGGER. Martin. A questão da técnica. p.34

¹⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. Coleção Os Pensadores. v. XLV. p.327 – 343 A respeito de uma aproximação desse texto com o mito de Édipo conforme Sófocles o apresenta, especialmente, em Édipo Rei, veja-se: AQUINO. Márcia Regina Pitta Lopes. Édipo Rei de Sófocles e a verdade segundo Heidegger. In: ZOVICO, Marcelo Roland. (organizador). Filosofia do Direito: Estudos em homenagem a Willis Santiago Guerra Filho. São Paulo: Clássica, 2012. p. 224-247

apresentação. A essência da verdade é "liberdade daquilo que é manifesto no seio do aberto", liberdade em face do que se revela no seio do aberto. Liberdade é o que "deixa que cada ente seja o ente que é". É "deixar ser o ente". Esse "deixar-ser" do ente não significa deixar no sentido de omissão (como abster-se de algo) nem indiferença (não se incomodar com algo). O "deixar-ser o ente" tem o sentido de entregar-se ao ente, "entregar-se ao aberto e à sua abertura, na qual todo ente entra e permanece, e que cada ente traz, por assim dizer, consigo."¹⁸

Como a essência da verdade é a liberdade, "o homem historial pode também, deixando que o ente seja, *não* deixá-lo ser naquilo que ele é e assim como é. O ente, então, é encoberto e dissimulado". O que domina, então, é a aparência e o que surge é a não-essência da verdade.¹⁹

A essência da verdade e a não-essência da verdade se copertencem. "A mais própria e mais autêntica não-verdade pertence à essência da verdade". E o que isso significa? Pensada a verdade como desvelamento do ente em sua totalidade, a não-verdade é o velamento do ente em sua totalidade, mas não como uma consequência secundária do conhecimento sempre parcelado do ente. Entretanto, o não-determinado, o indeterminável é confundido, o mais das vezes, com o que é mais corrente e menos digno de nota. A não-verdade é dissimulação.²⁰

E no deixar-ser desvelador "a dissimulação aparece como aquilo que está velado em primeiro lugar." Assim, "a não essência original da verdade é o mistério." E, não se trata da 'não-essência' como negativo, degradado. A não-essência é a essência pré-existente:²¹ a existência que precede a essência, no famoso dito sartreano...

¹⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 336.

¹⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 334-338

²⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 339

²¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 339

Todo comportamento²² se funda na liberdade enquanto deixar-ser do ente, porém desvelando o ente já o dissimula. É assim que se mantém a relação da liberdade como essência da verdade com a não-verdade, com a dissimulação, com o mistério. Entretanto, o que ocorre é que “esta relação com a dissimulação se esconde a si mesma nessa relação enquanto dá primazia a um esquecimento do mistério” e nele – no esquecimento – desaparece. O homem, então, em seu relacionamento com o ente, limita-se ao seu caráter já revelado, limita-se à realidade corrente. E, mesmo se o homem decide transformar essa situação, permanece no esquecimento, já que procura os parâmetros para tal transformação nos “estritos limites de seus projetos e necessidades correntes. Instalar-se na vida corrente é, entretanto, em si mesmo o não deixar imperar a dissimulação do que está velado.” É o esquecimento do mistério,²³ e não simplesmente aceitar-se como lançado (*geworfen*), como projeto, tal como proporia Sartre.

O homem perde-se no que Heidegger chama de vida corrente, a mera existência. Esquece-se do mistério ao se limitar ao relacionamento apenas com o revelado desse ou daquele ente. Não que, na vida corrente, não hajam obscuridades, enigmas, questões não resolvidas e coisas duvidosas, afirma Heidegger. “Mas todas essas questões, que não surgem de nenhuma inquietude e estão seguras de si mesmas, são apenas transições e situações intermediárias nos movimentos da vida corrente e, portanto, inessenciais.”²⁴

O esquecimento do mistério permite que o homem permaneça

²² “Toda a relação de abertura, pela qual se instaura a abertura para algo, é um comportamento. A abertura que o homem mantém se diferencia conforme a natureza do ente e o modo do comportamento. Todo trabalho e toda realização, toda ação e toda previsão, se mantém na abertura de um âmbito aberto no seio do qual o ente se põe propriamente e se torna suscetível de ser expresso naquilo que é e como é. Isso somente acontece quando o ente mesmo se pro-põe, na enunciação que o apresenta, de tal maneira que esta enunciação se submete à ordem de exprimir o ente assim como é. Na medida em que a enunciação obedece a tal ordem, ela se conforma ao ente. O dizer que se submete a tal ordem é conforme (verdadeiro). O que assim é dito é conforme (verdadeiro)”. HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 334

²³ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 340

²⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre a essência da verdade. p. 340

distraído com suas criações. O homem toma a si mesmo como medida de todos os entes, e assim a humanidade, através daquilo que lhe é acessível na vida corrente, na ilusão de seu conhecimento, insiste em, assim sendo, estar segura. Entretanto, apesar do esquecimento, o mistério reina como essência esquecida.

O objeto – seja qual for - e pode ser a essência da técnica – se opõe a nós (se põe contra) e, assim, cobre um âmbito aberto. Nesse aberto se dá nosso encontro, mas precisamos nos ter instaurado como livres para aquilo que nele se manifesta e que vincula toda apresentação. No aberto se dá o desvelamento, mas também o velamento. Se permanecemos apenas em meio ao já desvelado, envolvidos entre aparatos técnicos, acreditando numa definição instrumental e antropológica da técnica, aplicável a todos os campos do conhecimento humano - o direito aí incluído - cada vez mais, esquecemos o mistério, os limites de nosso conhecimento já adquirido. Caso não seja assim, teremos aproveitado o que nos salva, o que deita raízes no perigo, conforme a remissão feita por Heidegger ao poema de Hölderlin no texto sobre a essência da técnica.

É preciso pensar não apenas a técnica, mas inclusive o direito e aquilo que acreditamos ser o humanismo. É preciso que esse pensar se dê num relacionamento livre de maneira a fomentar sempre o que salva, “o que inclui ter sempre em mente o perigo extremo” que é deixar-se capturar absolutamente pela composição (Ge-stell). É deixar-se capturar pelo já dito, já visto, já sabido e esquecer o mistério. Esquecer que nada está pronto e acabado. Há apenas marcas no caminho.²⁵

No começo do destino ocidental na Grécia, explica Heidegger, a arte chamava-se *techné*. Era um des-encobrir produtor e pertencia à *poiesis*, era também poesia. Será, ele pergunta, que as artes serão convocadas para que fomentem o crescimento do que salva? E a

²⁵ HEIDEGGER. Martin. A questão da técnica. p.36

resposta não é afirmativa, mas Heidegger sugere que se pense o contrário: “a possibilidade de se instalar por toda parte a fúria da técnica até que um belo dia, no meio de tanta técnica, a essência da técnica venha vigorar na apropriação da verdade.” E mais uma vez lembra um verso de Hölderlin: “poeticamente o homem habita esta terra.”²⁶ No aberto para o ente e no aberto do ente o homem ek-siste, põe-se fora da ordem fixa das coisas.

No final da publicação “Sobre a essência da verdade”, Heidegger afirma que a este texto deveria seguir, como complementação, um outro “Sobre a verdade da essência” que não foi viável por motivos para os quais Heidegger acena na carta “Sobre o humanismo”. É a respeito deste último que o trabalho, agora, continua se debruçando.

2. A RESPOSTA SOBRE O HUMANISMO

Embora uma conversa ‘direta’ pudesse elucidar melhor as questões levantadas na carta, pois “no papel, o pensar sacrifica facilmente sua mobilidade”, Heidegger propõe responder por escrito e escolhe apenas uma das questões postas por Jean Beaufret: “Como tornar a dar sentido à palavra ‘Humanismo’?” E a própria pergunta já leva a algumas considerações, pois pressupõe que exista a intenção de conservar a palavra humanismo. E Heidegger pergunta: seria isso necessário? “Ou será que não se manifesta, ainda, de modo suficiente, a desgraça que expressões desta natureza provocam?” A resposta talvez já seja uma marca no caminho que se vai trilhar nesse texto, pois ele afirma: “Não há dúvida, de há muito já se desconfia dos ‘ismos’. Mas o mercado da opinião pública exige constantemente novos. E sempre se está disposto a cobrir esta necessidade.”²⁷ Pensemos, rapidamente, nestas palavras de

²⁶ HEIDEGGER. Martin. A questão da técnica. p.37

²⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 348

Heidegger e desconfiemos: platonismo, judaísmo, cristianismo, absolutismo, fascismo, nazismo, capitalismo, individualismo, populismo, comunismo, liberalismo, ativismo, positivismo, empreendedorismo, evolucionismo, criacionismo, narcisismo...

Os termos Lógica, Ética e Física surgem, explica Heidegger, quando o pensar originário chega ao fim. Em sua gloriosa era os gregos pensaram sem esses termos e nem chamavam o pensar de Filosofia. O pensar termina quando sai de seu elemento. É a partir de seu elemento que o pensar é capaz de ser um pensar. O elemento assume o pensar e o conduz para a sua essência. "O pensar é o pensar do ser." E isso diz duas coisas: 1) o pensar pertence ao ser à medida que o pensar é apropriado e manifestado pelo ser e 2) o pensar, pertencendo ao ser, escuta²⁸ o ser.²⁹

O elemento do pensar é aquilo a partir do qual o pensar é capaz de ser um pensar. O elemento é, então, o que pode: o poder. A essência propriamente dita do poder é o querer e querer, quando pensado mais originariamente, significa gratificar a essência. O poder não significa apenas a capacidade de produzir isto ou aquilo. O poder é capaz de 'deixar-ser'. Graças ao poder do querer alguma coisa é propriamente capaz de ser. Este poder é o propriamente possível. O ser como o elemento é a "força silenciosa do possível" que não é, para Heidegger, a *potentia* enquanto *essentia* de um *actus* da *existentia*. **É "o próprio ser que, pelo seu querer, impera com seu poder sobre o pensar e, desta maneira, sobre a essência do homem, e isto quer dizer, sobre sua relação com o ser."**(grifo dos articulistas)³⁰

²⁸ Novamente recorre-se às notas de Emmanuel Carneiro Leão quando ele salienta a interdependência dos dois verbos referidos no texto: *hoeren* (ouvir, auscultar) e *gehoeren* (pertencer). Como se pode notar, ambos possuem o mesmo radical o que levar a dizer: "O pensamento é ainda pensamento do Ser, enquanto, pertencendo ao Ser, ausculta o Ser. Enquanto, auscultando, pertence ao Ser (...)." HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. p. 33

²⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 348

³⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 349. Conforme Alexandre Cabral, Heidegger assinala: "o elemento do pensamento é o próprio ser. Este é o que deixa o pensamento ser pensamento. Este deixar é um poder-ser. Somente no ser, o pensamento pode ser o que é. Pertencer ao ser é próprio do pensamento.

O pensar, à medida que sai de seu elemento, chega ao fim e compensa esse vazio (de seu elemento) valorizando-se como *téchne*, como instrumento de formação³¹ e, assim, como atividade acadêmica e depois como atividade cultural. A Filosofia, então, transforma-se numa técnica de explicação pelas causas últimas. “Não mais se pensa: a gente se ocupa com ‘Filosofia’”³², diz Heidegger e ainda explica que são essas ocupações que se exibem como ‘ismos’ procurando uma sobrepujar a outra, numa verdadeira concorrência. O domínio desses ‘ismos’ ocorre predominantemente nos tempos modernos pela ditadura da opinião pública. Mesmo assim, o oposto – a ‘existência privada’ – não significa o ser-homem essencial e livre. A ‘existência privada’ contrai-se numa negação do que é público e num recuo do que é público, subjugando-se à opinião pública. A linguagem termina a serviço da mediação das vias de comunicação para as quais a objetivação dá acesso uniforme de tudo a todos desprezando qualquer limite. Também a linguagem cai sob a ditadura da opinião pública, que decide o que é compreensível e o que é incompreensível. Sob o domínio da subjetividade que se apresenta como opinião pública, o pertencer originário da palavra ao ser permanece oculto. Pensar a verdade do ser requer reflexão sobre a essência da linguagem e isso não significa simplesmente fazer um uso cultivado da palavra. O esvaziamento da linguagem é o que se dá sob a égide de nossa era movida pela compulsão de comunicar seja o que for, sem preocupação com o que é informado, se é formativo, donde surgir um círculo vicioso entre o que se pode chamar, empregando expressões germânicas, mas que não são de Heidegger *Kommunikationszwang* (= constrangimento a comunicar-se) e *Informationsangst* (= angústia por informar-se).

Isto significa que o pensamento pensa o ser e, concomitantemente, ausculta o ser, isto é, sintoniza-se com ele, deixando-o vir à tona na dinâmica do próprio pensar.” CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 142

³¹ O pensamento ao tornar-se *techné*, torna-se também “meio de formação de uma cultura, de um povo. E formação, aqui, deve ser entendida como formatação, isto é, ação de pôr na forma, de enquadrar o homem em paradigmas pré-determinados. É neste sentido que filosofia, diz Heidegger, torna-se atividade acadêmica e cultural.” CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 143

³² HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 349

Lembremos as palavras iniciais de Heidegger: "a linguagem é a morada do ser. Nesta habitação do ser mora o homem." É, portanto, um processo desumanizante o que presenciamos, quando observamos a nossa era da informação (*Informationszeitalter* – Karl Acham),³³ em que se afirma uma sociedade mundial de comunicação (*Weltgesellschaft* – Niklas Luhmann).³⁴

A linguagem, sob o domínio da metafísica moderna da subjetividade - com sua origem medieval nominalista, que culmina em Descartes, Hobbes até por assim dizer aperfeiçoar-se em Kant³⁵ – se extravia de seu elemento, fica abandonada ao nosso puro querer e a nossa atividade. A linguagem é, dessa forma, instrumentalizada, tornando-se instrumento de dominação do ente que aparece como o efetivamente real num sistema de atuação de causa e efeito. O ser que é linguagem, os humanos, passamos, então, a nos vermos também como instrumentalizáveis. E isso ocorre tanto quando calculamos e agimos quanto ao procedermos cientificamente e filosofamos com explicações e fundamentações. As explicações e fundamentações também garantem e nos asseguram de que algo seja inexplicável. É como se já estivesse estabelecido que a verdade do ser possa ser fundamentada através de causas e razões explicativas ou que, quando não, isso seja impossível: o que dá no mesmo.³⁶

Caso o homem encontre mais uma vez o caminho para a proximidade do ser, deve antes: 1) aprender a existir no indizível; 2) reconhecer tanto a sedução pela opinião pública como a impotência do que é privado; 3) e, antes de falar, deve primeiro escutar o apelo do ser correndo o risco de, sob este apelo, pouco ou raramente algo

³³ ACHAM, Karl. "Vernunftanspruch und Erwartungsdruck. Studien zu einer philosophische Soziologie", Stuttgart/Bad Cannstatt, 1989.

³⁴ LUHMANN, Niklas. "Die Weltgesellschaft", in: Archiv für Rechts- und Sozialphilosophie, n. 57, Stuttgart: Steiner Verlag, 1971.

³⁵ Sobre esse tema ver: GUERRA FILHO, Willis Santiago. O conhecimento imaginário do direito. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

³⁶ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 350

lhe restar a dizer. Só assim será devolvida à palavra o valor de sua essência e ao homem será devolvida a habitação para que resida na verdade do ser.³⁷

Neste apelo ao homem pelo ser, nesta tentativa de preparar o homem para este apelo do ser há um empenho e uma solicitude pelo homem mesmo, um conduzir o homem para sua essência, um tornar o homem humano. Desta forma é a '*humanitas*' que permanece a preocupação de um tal pensar, **"pois humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano, inumano, isto é, situado fora de sua essência"** (grifo dos articulistas), o que sempre pode ocorrer e, de fato, vem ocorrendo cada vez mais ampla e frequentemente.³⁸

A humanidade do homem repousa em sua essência. Marx a encontrou na 'sociedade'. Para o cristão, o homem é homem como 'filho de Deus'. "O homem não é deste mundo, na medida em que o 'mundo' pensado teórica e platonicamente é apenas uma passagem provisória para o Além". Na época da República Romana é que se pensa pela primeira vez a *humanitas* contrapondo-se o *homo humanus* e o *homo barbarus*. O primeiro, como o romano a quem enobrece a *virtus* romana através da incorporação da *paideia* herdada dos gregos do helenismo cuja cultura era ensinada nas escolas filosóficas. Essa *paideia* é traduzida por *humanitas*. O *homo barbarus* não recebia aquela formação, não possuía a *humanitas*. "A romanidade propriamente dita do *homo romanus* consiste em tal *humanitas*." Nos séculos XIV e XV na Itália (Renascença) o que ocorre é uma *renascentia romanitatis*, portanto trata-se da *humanitas* e, por isso da *paideia* grega. A questão é que a gregidade é sempre vista em sua forma tardia e continua a ser vista de forma romana. Historicamente faz sempre parte do "humanismo" um estudo da

³⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 350

³⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 350

humanitatis que de alguma forma recorre à Antiguidade sendo em cada caso "uma tentativa de revivificação da experiência humanista greco-romana".³⁹ Heidegger cita Winckelmenn, Goethe e Schiller, mas exclui Hölderlin desse humanismo – dessa tentativa - pelo "simples fato (de Hölderlin) pensar o destino da essência do homem mais radicalmente do que este "humanismo" é capaz."⁴⁰ Ora, é esse humanismo o que impregna, de modo especial, a nossa formação jurídica, em que ele se afirmou pioneiramente, antes da Renascença se generalizar como fenômeno cultural, com a redescoberta na Itália do *Corpus Juris Civilis*, no século XIII.

Todavia, se se entende por humanismo o empenho para que o homem se torne livre para sua humanidade e para nela encontrar sua dignidade, então o humanismo se distingue em cada caso segundo a concepção de liberdade, de natureza do homem, e pelas vias para sua realização. O humanismo de Marx, o humanismo de Sartre, e também o do cristianismo são diferentes quanto às metas e fundamentos, quanto à maneira e meios de realização, quanto à forma da doutrina, mas são iguais no que se refere à *humanitas* do homem que é determinada a partir do ponto de vista de uma interpretação fixa da natureza, da história, do mundo e do fundamento do mundo, ou seja, do ente em sua totalidade.⁴¹

Todo humanismo funda-se numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma Metafísica, afirma Heidegger. Esse "humanismo" não apenas deixa de questionar a relação do ser com o ser humano como também todo humanismo por sua origem metafísica não conhece nem mesmo compreende essa relação do ser com o ser humano. Todos os tipos de humanismos - desde o romano até os presentes, que não deixam de ser uma variante daquele - pressupõem como obvia a essência mais universal do homem. O

³⁹ CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 146

⁴⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 351

⁴¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 351

homem é tomado como '*animale rationale*', o que não significa uma interpretação falsa, mas uma interpretação condicionada pela metafísica. A Metafísica não pensa o ser do ente, não pensa a diferença entre ser e ente, não levanta a questão da verdade do ser. A Metafísica jamais questiona o modo como a essência do homem pertence à verdade do ser. "O ser ainda está à espera de que ele mesmo se torne digno de ser pensado pelo homem".⁴²

É preciso perguntar se a essência do homem realmente se funda na dimensão da *animalitas*, pois quando se diz do homem que é um 'animal' já se decidiu muito, inclusive, o que é sua vida – a mera vida (ou vida nua, para usar a expressão tornada notória por Gorgio Agamben a partir de seus estudos da série *Homo Sacer*) a que os gregos chamavam *zoé*, em contraposição à forma de vida que denominavam *bios*, na qual a *zoé* atingia uma ordenação cuja culminância seriam aquelas humanas e, dentre estas, a *bios philosophica*, que na Idade Média foi qualificada de *contemplativa*. O entendimento do homem como ser vivo que se distingue dos demais seres vivos – da planta, dos animais e mesmo de Deus – pode até nos levar a afirmar coisas acertadas sobre o homem, mas o homem assim diferenciado, mesmo que especificamente, permanece situado em meio ao ente e relegado definitivamente para o âmbito essencial da *animalitas* de onde a Metafísica pensa o homem. Na Metafísica – e portanto também todas as formas de conhecimento dela derivadas, como as ciências, as filosofias ou as teologias, sem esquecer o direito - não se pensa o homem em direção a sua *humanitas*.⁴³

⁴² HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 352

⁴³ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 3452 Conforme André Duarte, "(...) ele (Heidegger) estava certo de que, enquanto a essência do ser humano fosse determinada metafisicamente a partir de sua animalidade, isto é, como ser vivo distinto das plantas, dos demais animais e dos deuses, acrescentando-se a ele a diferença específica da racionalidade, jamais seríamos capazes de pensar a própria humanidade do homem." DUARTE, Andre. Foucault e Heidegger, críticos do humanismo e da 'época' moderna. In: Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 84

E continua Heidegger: "a Metafísica cerra-se para o simples dado essencial de que o homem somente desdobra seu ser em sua essência, enquanto recebe o apelo do ser." Somente na intimidade deste apelo do ser, já 'tem' o homem encontrado aquilo (onde) mora sua essência. Somente por conta deste morar o homem 'possui' linguagem como a habitação que preserva o ec-stático para sua essência. "O estar postado na clareira do ser denomino eu a ec-sistência do homem. Este modo de ser só é próprio do homem." A ec-sistência não é apenas o fundamento da possibilidade da razão (*ratio*). A ec-sistência é "aquilo em que a essência do homem conserva a origem de sua determinação."⁴⁴

A ec-sistência somente se deixa dizer a partir da essência do homem, isto é, a ec-sistência somente se deixa dizer a partir do modo humano de 'ser', "pois apenas o homem, ao menos tanto quanto sabemos, nos limites de nossa experiência, está iniciado no destino da ec-sistência." Somente o homem ec-siste. Por isso a ec-sistência não pode ser pensada como uma maneira específica de ser em meio a outras espécies de seres vivos. Não se pode superar o erro do biologismo juntando-se ao elemento corporal do homem outros elementos como alma e espírito. O homem pode ser examinado pelas ciências da natureza em seu aspecto orgânico, mas nisso não reside a essência do homem. Aquilo que o homem é (o que a Metafísica denomina essência) reside em sua ec-sistência que é diferente do conceito tradicional de existência como realidade efetiva que se distingue da essência (possibilidade).⁴⁵

Em *Ser e Tempo* foi dito, explica Heidegger, que "a essência do ser-aí reside em sua existência".⁴⁶ A frase não contém uma

⁴⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 352

⁴⁵ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 353

⁴⁶ "Se em *Ser e Tempo* existir é o 'ter de' relacionar-se compreensivamente com o próprio ser, na Carta sobre o humanismo, existir é ek-sistir.(...) Ek-sistir, então, é o estar na clareira ou verdade do ser; é o estar à mercê da dinâmica de desvelamento e retraimento inerente ao ser (aletheia)." CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 147-148

afirmação geral sobre a existência da forma como esta designação surgiu no século XVIII, em lugar da palavra objeto, expressando o conceito metafísico de realidade efetiva do real. O que a frase diz é – e aqui parece termos uma direta resposta a Sartre : “O homem desdobra-se assim em seu ser (*wesť*) que ele é ‘aí’, isto é, a clareira do ser. Este ‘ser’ do aí , e somente ele, possui o traço fundamental da ec-sistência, isto significa, o traço fundamental da in-sistência ec-stática na verdade do ser”. A ec-sistência é diferente da existência pensada metafisicamente (Kant, Hegel, Nietzsche). Nas diversas interpretações metafísicas, embora formuladas de maneira diferente, fica aberta a questão, se através do termo existência (como realidade efetiva) já é pensado com suficiente precisão o ser da pedra ou mesmo a vida como ser da flora e da fauna. Os seres vivos por um lado têm um parentesco próximo a nós e, por outro, estão separados por um abismo de nossa essência ec-sistente. Pode até parecer que a essência do divino esteja “mais próxima, como elemento estranho do ser vivo; próxima quero dizer, numa distância essencial, que, enquanto distância, contudo é mais familiar para nossa essência ec-sistente que o abissal parentesco corporal com o animal, quase inesgotável para nosso pensamento.”⁴⁷

Tudo isso lança uma estranha luz sobre a determinação corrente do homem como animal racional. As plantas e os animais estão em seus ambientes próprios, mas “nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só assim é ‘mundo’ -, para isso falta-lhes linguagem. E não porque lhes falta a linguagem, estão eles suspensos sem mundo em seu ambiente. Mas nesta palavra ‘ambiente’, concentra-se toda dimensão enigmática do ser vivo. Em sua essência, a linguagem não é nem exteriorização de um organismo nem expressão de um ser vivo”.⁴⁸

⁴⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 353-354

⁴⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 354

Nas palavras seguintes a resposta a Sartre é evidente. Ec-sistência não é existência "Ec-sistência significa, sob o ponto de vista de seu conteúdo, estar exposto na verdade do ser. "Ec-sistência nomeia a determinação daquilo que o homem é no destino da verdade. O homem que ec-siste não responde à pergunta se o homem efetivamente é ou não, mas responde à questão da essência do homem." A essência do homem é ec-sistência. A existência, diferentemente, é a realidade efetiva, diferente da possibilidade, da ideia. Ela permanece o nome para efetivação daquilo que alguma coisa é enquanto se manifesta em sua ideia.⁴⁹

Quando perguntamos sobre a essência do homem, explica Heidegger, perguntamos inadequadamente 'que é o homem?' ou 'quem é o homem?'. Porém, essas perguntas já revelam algo da resposta. No primeiro caso, o homem já teria o caráter de pessoa, no segundo, o caráter de objeto. Tanto o elemento pessoal como o objetivo obstruem o desdobramento do ser da ec-sistência ontológico-historial. A essência do homem se determina a partir do elemento ec-stático do ser-aí. "Como ec-sistente o homem sustenta o ser-aí, enquanto toma sob seu 'cuidado' o aí enquanto a clareira do ser. Mas o ser-aí mesmo é, enquanto jogado. Desdobra o seu ser no lance do ser que dispensa o destino e a ele torna dócil."⁵⁰

Não se pode compreender a essência ec-sistente do homem como se fosse a secularização do pensamento teológico cristão, de cunho personalista, já por sua origem no judaísmo, como também naquela ideologia que com ele se imbrica, a romana, cujo personalismo ao invés de impedir foi verdadeira condição para considerar a outros humanos como coisa, *res*, e não propriamente humanos, por lhes faltar a personalidade, em maior ou menor grau. A ec-sistência não é uma realização efetiva da essência. Nem a ec-sistência põe ou causa o que é essencial.

⁴⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 354

⁵⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 354 - 355

Percebe-se, desta forma, a oposição a Sartre que exprime o princípio do existencialismo com uma frase que nada tem a ver com o que foi dito em *Ser e Tempo*: ‘a existência precede a essência.’ Sartre, explica Heidegger, toma desta forma os termos *existentia* e *essentia* no sentido da Metafísica que desde Platão diz: a *essentia* precede a *existentia*, uma distinção que perpassa o destino de toda história do Ocidente e da história determinada pela Europa. Enfim, Sartre inverte a frase, mas se mantém na Metafísica. “A inversão de uma frase metafísica permanece metafísica”.⁵¹

Para que possamos atingir a dimensão da verdade do ser e para que possamos meditá-la, devemos primeiro tornar claro como o ser se dirige ao homem e como o ser requisita o homem. E, essa experiência só nos será dada se compreendermos que o homem é enquanto ec-siste, ou seja, “a substância do homem é a ec-sistência!” (...) O modo como o homem se apresenta em sua própria essência ao ser é a ec-stática in-sistência na verdade do ser.” É dessa maneira que se tem a determinação essencial do homem. Assim, as diversas interpretações humanísticas do homem como animal racional, como pessoa, como ser espiritual-anímico-corporal não são declaradas falsas por Heidegger. Pelo contrário, o único pensamento que se quer impor é que essas diversas determinações humanísticas do homem ainda não experimentaram a dignidade própria do homem. É desta forma que “*Ser e Tempo*” é contrário ao humanismo.⁵²

Ser contrário ao humanismo da maneira apresentada não significa ir para o lado oposto do humano, defender o inumano e a desumanidade e degradando, desta maneira, a dignidade do homem. “Pensa-se contra o humanismo porque ele não instaura a humanitas do homem numa posição suficientemente alta.” O homem é ‘jogado’ pelo ser na verdade do ser para que ec-sistindo desta

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 354 - 355

⁵² HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. p. 355

maneira, ou seja, jogado pelo ser, guarde a verdade do ser e, então, na luz do ser o ente se manifeste como o ente que efetivamente é.⁵³

Também não é o homem que decide se e como o ente aparece, se e como o Deus e os deuses, a história e a natureza penetram na clareira do ser, nem como se apresentam e ausentam. O homem não decide nada disso. **"O advento do ente repousa no destino do ser"** (grifo da articulista). De acordo com este destino o homem tem, enquanto ec-sistente, que vigiar e proteger a verdade do ser. Por isso, "o homem é o pastor do ser". É nesse sentido que já em *Ser e Tempo* a existência ec-stática é experimentada como 'o cuidado' (*die Sorge*, a cura), explica Heidegger.⁵⁴

Neste texto que ora se pretende estudar, Heidegger formula a grande questão de seu caminho, a mais insistente marca deste caminho: O que é o ser? E a aprendizagem pela qual deve passar o pensar futuro é experimentar e dizer: O ser é ele mesmo. O 'ser' não é Deus, pensado como ente supremo, *sumum ens*, não é um fundamento do mundo. O ser é mais amplo que todo ente. O ser é mais próximo do homem que qualquer ente, seja este uma rocha, um animal, uma obra de arte, uma máquina, anjo ou Deus,⁵⁵ pois só no homem ele advém à linguagem e, portanto, abre-se ao mundo que assim é criado – lembremos do famoso dito heideggeriano, enunciado no curso proferido logo após a publicação de "Ser e Tempo", i.e., "Problemas Fundamentais da Metafísica", segundo o qual "a pedra é sem mundo (*weltlos*), o animal é pobre de mundo

⁵³ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 355. Conforme André Duarte: "Para Heidegger, pensar a copertinência entre homem e ser não significa desprestigiar o humano, como tantas vezes já se afirmou; pelo contrário: pensar contra o humanismo metafísico não significa entregar-se ao inumano, mas lançar uma nova luz sobre a questão da essência ou da humanitas do homem. Trata-se, antes, de destituir o ser humano do seu caráter metafísico de senhor dos entes (Herr des Seienden), de privá-lo da posição privilegiada que ele ocupa modernamente como sujeito diante da totalidade dos entes convertida em objetividade, para então considerar sua dignidade essencial como guardião do ser (Hirt des Seins), isto é, como aquele ente lançado no aberto do ser, capaz, portanto, de corresponder em pensamento e na linguagem aos apelos do ser." DUARTE, Andre. Foucault e Heidegger, críticos do humanismo e da 'época' moderna. p. 84

⁵⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 356

⁵⁵ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 356

(*Weltarm*) e o homem é criador de mundo (*Welbildend*). Anjos e deuses, nesse sentido, mais próximos dos animais do que de nós, viveriam em seus próprios mundos. E mesmo as máquinas, se não forem mais próximas das pedras, quando meramente mecânicas, mas dotadas, como hoje, da chamada “inteligência artificial”, até o momento, ainda não se mostraram capazes de criar um mundo como fazemos, de maneira exemplar, ao empregarmos a linguagem ao modo poético, e não, meramente técnico, instrumental.

Porém, a proximidade do ser permanece para o homem a mais distante. O homem sempre se atém primeiro ao ente. O pensar pensa sempre primeiro o ente e nunca o ser. É o esquecimento do ser. “A verdade do ser como a clareira mesma permanece oculta para a Metafísica”. A clareira mesma é o ser,⁵⁶ que não podemos ver como um peixe não vê o aquário em que habita.

A ‘decaída’ referida em Ser e Tempo, continua Heidegger, é o esquecimento da verdade do ser, em favor da agressão do ente impensado em sua essência. Não significa uma queda do homem do ponto de vista moral ou religioso e ao mesmo tempo secularizado. Essa decaída nomeia uma relação essencial entre o homem e o ser. Até agora esteve oculta para a Filosofia a relação ‘ec-stática’ do ser humano com a verdade do ser que é a primeira a ter que ser pensada. O ser permanece misteriosamente a singela proximidade que desdobra-se (seu ser) como a própria linguagem. Não, a linguagem como costumamos entendê-la (conhecemos). “Pensamos comumente a linguagem a partir da correspondência à essência do homem, na medida em que esta é apresentada como *animale rationale*, isto é, como a unidade de corpo-alma-espírito. Todavia, assim como na *humanitas* do *homo animalis* a ec-sistência permanece oculta e, através dela, a relação da verdade do ser com o homem, assim a interpretação metafísico-animal da linguagem encobre

⁵⁶ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 356

a sua essência ontológico historial" de acordo com a qual a linguagem é a casa do ser manifestada e apropriada pelo ser e por ele disposta. A linguagem é a habitação da essência do homem.⁵⁷ Somos (na) linguagem.

E, o homem não é apenas um ser vivo que, em meio a diversas faculdades, possui a linguagem. "(...) a linguagem é a casa do ser, nela morando, o homem existe enquanto pertence à verdade do ser, protegendo-a". Repita-se: protegendo a verdade do ser. O homem 'vive' na linguagem. O que importa na determinação da humanidade do homem – enquanto ec-sistência – é que não é o homem o essencial, mas o ser enquanto a dimensão – e esta não é o elemento espacial - do elemento ec-stático da ec-sistência.⁵⁸

Como se percebe, homem é pensado por Heidegger a partir do ser por isso o humanismo exposto por ele não é um humanismo como os outros. Por conta da diferença entre ser e ente, Heidegger afirma que em *Ser e Tempo* se diz: "Dá-se o ser." Quer dizer: o que aqui dá é o próprio ser. Com 'dá-se', provisoriamente, evita-se a expressão 'o ser é', pois comumente diz-se o "é" das coisas que são, dos entes: às coisas que são nós as designamos de ente. Mas o ser não é o ente. Voltando aos pensadores essenciais⁵⁹, Heidegger se refere a Parmênides que já afirmava: "É, a saber, o ser" e explica: "nesta palavra esconde-se o mistério originário para todo pensar. Talvez o 'é' só possa ser dito, de maneira adequada, apenas do ser, de maneira tal que todo ente jamais propriamente 'é'. Mas como o pensamento ainda deve atingir a dimensão em que dirá o ser em sua verdade, em vez de explicá-lo como um ente a partir do ente, deve ficar aberta para a solicitude do pensar a questão, se e como o ser é".⁶⁰

⁵⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 357

⁵⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 357

⁵⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 358

⁶⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 358 A história do destino do ser se manifesta na linguagem pela palavra dos pensadores essenciais. Assim, o pensar que pensa penetrando na verdade do ser é, enquanto pensar, historial.

Para Heidegger, a frase de Parmênides continua impensada – o ser continua impensado - o que nos permite medir o alardeado progresso da Filosofia – de resto, negado por alguns, como alguém que foi tão próximo a Heidegger, Karl Jaspers, que em sua obra de introdução à filosofia chega a afirmar que não há, em filosofia, como há na ciência, um “progresso do conhecimento”, pois sempre se volta as mesmas questões, que em tempo e lugar diversos requerem respostas diversas, sem que, por isso, perca-se o interesse pelas respostas dadas pelos filósofos de outros tempos e lugares, muito pelo contrário: dessas respostas, ao se recolocar as perguntas que a suscitaram, se extrai esclarecimentos antes ainda não percebidos, concluindo com uma provocativa de hipótese de que talvez ainda nem chegamos ainda onde Platão já esteve.

Quando Heidegger retorna aos ditos ‘pensadores essenciais’ não está sugerindo começar tudo outra vez e declarar falsa toda a filosofia anterior. O que parece necessário é pensar que “o ser se manifesta ao homem no projeto ec-stático. Todavia, este projeto não instaura o ser.” Esse projeto é um projeto jogado. **O que joga não é o homem, mas o próprio ser: o ser que destina o homem para a ec-sistência do “eis-aí-ser-ec-sistindo” ou, simplesmente, ser-aí (*Dasein*) como a essência do homem.** A clareira do ser é a forma como esse destino é. A clareira do ser garante a proximidade ao ser e nessa proximidade mora o homem como o ec-sistente, sem que hoje o homem possa experimentar e assumir esse morar. A proximidade ‘do’ ser é o modo como é o ‘aí’ do ser-aí. E Heidegger refere-se a uma conferência sobre a elegia de Hölderlin. “Retorno” para dizer que é a partir da poesia do poeta que a proximidade do ser é percebida numa linguagem mais radical. Para Heidegger, esta proximidade do ser é denominada a ‘pátria’ (Heimat). É aquela de que temos saudade, para usar uma palavra tipicamente galaico-portuguesa-brasileira, cujas ressonâncias filosóficas vem sendo tão

exploradas, mas ainda está longe de serem esgotadas, se é que isso é possível e, mais que isso, desejável.

A palavra pátria, afirma Heidegger, é pensada aqui num sentido mais originário. Não é pensada num sentido patriótico, nem nacionalista, mas a palavra pátria é pensada de acordo com a história do ser. Nomeia-se a essência da pátria para pensar a apatricidade do homem moderno a partir da história do ser. Para Heidegger, o último a experimentar essa apatricidade foi Nietzsche.⁶¹ Claro que ele está se referindo aos que conhece, especialmente em sua cultura nacional, pois essa experiência é vivenciada por todos nós de língua galaico-portuguesa, com tonalidades própria adquiridas no Brasil, pela inclusão do "banzo" africano, uma saudade que chegava a matar ou expor à morte quem a sentia, assim como em nosso indígena, entendida como 'preguiça', por recusarem a civilização produtivista do trabalho, pleonasticamente dito forçado, que os desenraizava de seu modo próprio e, assim, livre, de ser como só os humanos podemos atingir.

Para que superemos a apatricidade é preciso retornar ao ser, começar a partir do ser. Na apatricidade erram perdidos os homens e a essência do homem. A apatricidade é sinal do esquecimento do ser cuja consequência é que a verdade permanece impensada. O esquecimento do ser se manifesta indiretamente no fato de o homem só considerar e trabalhar o ente. Assim, o ser é explicitado como o mais geral, o que engloba o ente, como criação do ente infinito ou como produção de um sujeito finito. Desde a Antiguidade, ser e ente permanecem numa estranha e não pensada confusão. O homem moderno permanece apátrida quando interpretado pelo Existencialismo, com seu nihilismo, a nos definir como uma "paixão inútil". O homem moderno – preso ao ente - não pensa o ser e o que foi um dia a grandeza da Europa – o seu pensar – corre o risco

⁶¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 359

de agora decair e ficar para trás. O destino futuro do homem está no fato de ele encontrar sua pátria.⁶²

A pátria do homem, porém, nada tem a ver com nacionalismo. Do ponto de vista metafísico, cada nacionalismo é um antropologismo, e desta forma é subjetivismo. Com o internacionalismo o que se faz é apenas ampliar e elevar o nacionalismo a um sistema mundial. Em relação ao individualismo, o coletivismo é a subjetividade do homem na totalidade. É preciso pensar: o homem, expulso da verdade do ser, gira por toda parte em torno de si mesmo como animal racional e sem pátria.⁶³

Quando Heidegger diz que o homem é mais do que simples homem enquanto representado como ser vivo racional, esse “mais” não tem sentido aditivo como se à definição tradicional do homem se acrescentasse o elemento existencialista. Esse “mais” significa mais originário e por isso mais radical em sua essência. “O homem é na condição de ser-jogado.” (...) “O homem não é o senhor do ente. O homem é o pastor do ser.” A pobreza do pastor já diz bastante, pois com ela talvez seja possível compreender que o homem não pode se arvorar em senhor de todos os entes, o homem é simplesmente o pastor do ser cuja dignidade reside no fato de ter sido chamado pelo próprio ser para guardar sua verdade (a verdade do ser). “Este chamado vem com o lance do qual se origina a condição de ser jogado do ser-aí. O homem é, em sua essência ontológico-historial, o ente cujo ser como ec-sistência consiste no fato de morar na vizinhança do ser. O homem é o vizinho do ser.”⁶⁴

Novamente, Heidegger se dirige a seu interlocutor antecipando uma possível objeção segundo a qual tudo o que disse até agora seria apenas um humanismo no sentido supremo. E Heidegger responde: certamente é. “É o humanismo que pensa a humanidade do

⁶² HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 360 - 361

⁶³ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 361

⁶⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 361 - 362

homem desde a proximidade do ser." E, novamente, Heidegger chama atenção para o sentido que atribui à ec-sistência diferentemente do que se costuma nomear existência. "Ec-sistência é o morar ec-stático na proximidade do ser." A ec-sistência é a vigilância. A dificuldade para a compreensão do exposto está no fato de que estamos presos ao tipo de representação que nos foi transmitido como Filosofia. A dificuldade está em abandonar as opiniões correntes da Filosofia. Não se pode, porém, entregar-se a um conversar à toa sobre a verdade do ser e sobre a história do ser. **"Tudo depende do fato de a verdade do ser atingir a linguagem e de o pensar conseguir chegar a esta linguagem."** (grifo dos articulistas) Talvez, a linguagem exija, então, muito mais o silêncio que uma expressão precipitada.⁶⁵

À pergunta que Jean Beaufret formula a Heidegger: como dar novamente um sentido à palavra humanismo? Ajuda, diz Heidegger, a clarear o que ainda devemos trilhar "como viajores, no caminho para a vizinhança do ser." A pergunta, reafirma Heidegger, tanto pressupõe o desejo de conservar a palavra 'humanismo' quanto confessa que tal palavra perdeu o sentido. E uma expressão como "humanismo", assim como aquela que lhe é estreitamente correlata, a de "direitos humanos", perdeu sentido pela convicção de que a essência do humanismo é de caráter metafísico, afirma Heidegger. E, a Metafísica não apenas não coloca a questão da verdade do ser, como também a obstrui, na medida em que ela - a Metafísica - persiste no esquecimento do ser. "O pensar que conduz a esta compreensão do caráter problemático da essência do humanismo levou-nos, ao mesmo tempo, a pensar a essência do homem mais radicalmente. No que diz respeito a esta *humanitas do homo humanus*, em sua dimensão mais essencial, resulta a possibilidade de devolver à palavra humanismo um sentido historial que é mais antigo que seu mais antigo sentido, sob o ponto de vista historiográfico."⁶⁶

⁶⁵ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 362

⁶⁶ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 363

Devolver sentido à palavra humanismo não significa que ela seja considerada como algo vazio a ser preenchido. O '*humanum*' da palavra humanismo aponta para a essência do homem e o 'ismo' aponta para o fato de que a essência do homem deveria ser tomada com mais radicalidade. Como palavra, é isso que significa 'humanismo'. Dar-lhe um novo sentido significa determinar o novo sentido da palavra. Para isso, é preciso pensar a essência do homem e ela reside na ec-sistência. "É essa ec-sistência que essencialmente importa." Isso significa que ela – a ec-sistência – recebe sua importância do ser mesmo, "na medida em que o ser apropria o homem enquanto ele é o ec-sistente, para a vigilância da verdade do ser, inserindo-o na própria verdade do ser. 'Humanismo' significa, agora, caso nos decidamos a manter a palavra: a essência do homem é essencial para a verdade do ser, mas de tal modo que, em consequência disto, precisamente não importa o homem simplesmente como tal." O humanismo proposto por Heidegger é um humanismo singular porque pensa de forma singular a essência do homem,⁶⁷ recusando-se a pensá-lo como mero ente, a "vida nua" a que tão facilmente termina sendo reduzido por outros, que se definem como humanos por negação de outros, ao invés de afirmação de si aceitando que o outro seja simplesmente, outro ser. Isso para usar a expressão já referida, de um ex-aluno de Heidegger, Giorgio Agamben, "*vita nuda*", ou "vida fática" (*faktisches Leben*), para empregar aquela originária de Heidegger, de seus primeiros cursos, sobre o cristianismo paulino, a fim de colocá-lo em seu devido lugar, o que lhe dá a possibilidade de ser um ser da verdade e de verdade, em aberto para as possibilidades infinitas que se lhes mostra sua libertação da ordem necessária e "absolutista" das determinações naturais e, mesmo, sociais. Como seria, então, um direito adequado a esse ser, um direito verdadeiramente humano, do qual decorreriam direitos verdadeiramente humanos? Eis o que nos incumbe ainda pensar.

⁶⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 363

Esse humanismo particular fala contra todo humanismo já conhecido, mas isso não significa que ele se arvore em intérprete do inumano. E pergunta Heidegger: deveria esse humanismo ser ainda chamado de 'humanismo'? "e isto apenas para talvez participar no uso da expressão, acompanhar as correntes dominantes que se afogam no subjetivismo metafísico e que estão afundadas no esquecimento do ser? Ou será tarefa do pensamento tentar, através de uma aberta oposição contra o 'humanismo', um novo impulso que poderia suscitar uma atenção para a *humanitas* do *homo humanus* e sua fundamentação?"⁶⁸

O 'pensamento lógico, leva a falsas interpretações, explica Heidegger. Para elas, falar contra o humanismo é defender o inumano ou uma glorificação da barbárie brutal. Falar contra a 'Lógica' é renunciar ao rigor do pensamento introduzindo a arbitrariedade dos impulsos e sentimentos, é proclamar como verdadeiro o 'irracionalismo'. Falar contra 'valores' é abandonar ao desprezo os supremos bens da humanidade, é proclamar tudo sem valor. Dizer que o homem consiste em 'ser-no-mundo' é degradar o homem a um ser meramente mundano, é dar valor ao que é daqui de baixo negando o que é do além e renunciando a toda transcendência. Considerar a palavra de Nietzsche sobre a 'morte de Deus' é ter comportamento ateu. Fazer a experiência da 'morte de Deus' é ser um 'sem-Deus'. A tudo isso conduz o 'mais lógico'. "Porque, em tudo isto, em toda parte, se fala contra aquilo que para a humanidade vale como elevado e sagrado, tal filosofia ensina um 'niilismo' irresponsável e destruidor. Pois o que é 'mais lógico' do que isto: quem nega, em toda parte, o ente verdadeiro coloca-se do lado do não-ente e, com isto, proclama que o simples nada é o sentido da realidade efetiva?"⁶⁹

Ouve-se então falar de uma oposição contra o 'humanismo', contra a 'Lógica', os 'valores', 'mundo' e 'Deus'. Entende-se o que já

⁶⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 363

⁶⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 364

se tinha nomeado como o positivo e o que se fala em sua oposição já é imediatamente sua negação, o negativo, o destrutivo. Invocadas a Lógica e a razão, **ou mesmo, o direito**, o que não é, nesse sentido, positivo, e sim negativo. Falar em oposição a algo que se tem assentado, conhecido e idolatrado é desprezar a razão, é negar, é terminar no nada. “Deixa-se, através deste caminho lógico, afundar tudo num niilismo que se inventou com o auxílio da Lógica.”⁷⁰

E pergunta Heidegger: “Será que efetivamente o ‘contra’, que um pensar apresenta diante do que comumente se imagina, aponta necessariamente para a pura negação e o negativo?”⁷¹ Isso acontece se o conhecido até então é tomado como ‘o positivo’ e a partir dele se decide tudo absoluta e ao mesmo tempo, negativamente sobre o âmbito de toda e qualquer possível oposição a ele. Nesse procedimento esconde-se a recusa de submeter à reflexão o que já - por preconceito - tomou-se como positivo. Com a díade posição-oposição, pensa-se estar a salvo. Com o constante apelo ao elemento lógico tem-se a impressão de empenhar-se no pensar, mas é justamente o contrário. Com aquele apelo se recusou ao pensar.

“O pensar contra ‘os valores’ não afirma que tudo aquilo que se declara como ‘valores’, a ‘cultura’, a ‘arte’, a ‘ciência’, a ‘dignidade do homem’, ‘mundo’ e ‘Deus’ sejam sem valor.” É justamente o contrário disso, pois quando se reconhece algo como ‘valor’, rouba-se a sua dignidade. Ou seja, “ao avaliar algo como valor, aquilo que foi valorado é apenas admitido como objeto para a avaliação pelo homem. (...) Todo valorar, mesmo onde é um valorar positivamente, é uma subjetivação. (...) todo valorar deixa apenas valer o ente como objeto de seu operar. O esdrúxulo empenho em demonstrar a objetividade dos valores não sabe o que faz.” Degrada-se Deus ao dizê-lo como o valor supremo. O pensar através de valores é a

⁷⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 364

⁷¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 364

maior blasfêmia que se pode pensar em face do ser. Pensar contra os valores não significa que todo ente é destituído de valor, mas significa "levar para diante do pensar a clareira da verdade do ser contra a subjetivação do ente em simples objeto."⁷²

Ao chamar a atenção para o traço fundamental da *humanitas* do *homo humanos* como sendo o 'ser-no-mundo' não significa dizer que o homem é apenas e tão somente um ser mundano no sentido cristão, ou seja, um ser afastado de Deus. Mundo na expressão 'ser-no-mundo' não significa o ente terreno diferente do ente celeste, nem o mundano que está em contraposição ao 'espiritual'. Não significa um ente e nenhum âmbito do ente, mas, sim, a abertura do ser. "O homem é e é homem enquanto é o ec-sistente. Ele está postado, num processo de ultrapassagem, na abertura do ser, que é o modo como o próprio ser é; este jogou a essência do homem, como um lance, no 'cuidado' de si. Jogado desta maneira o homem está postado 'na' abertura do ser. Mundo é a clareira do ser na qual o homem penetrou a partir da condição de ser-jogado de sua essência." Dessa forma, o homem – pensado como 'eu' ou 'nós' - nunca é apenas o sujeito que sempre se refere a objetos de maneira que sua essência consistiria na relação sujeito-objeto. "Ao contrário, o homem primeiro é, em sua essência, ec-sistente na abertura do ser, cujo aberto ilumina o 'entre' em cujo seio pode 'ser' uma 'relação sujeito-objeto.'⁷³

Com o que se disse do homem até aqui não se afirma a hipótese do homem ser ou não deste mundo. Também nada está decidido sobre a existência de Deus ou seu não-ser, ou ainda sobre a possibilidade de deuses. É também precipitado dizer que a determinação existencial da essência do homem seja ateísmo. A uma interpretação dessa falta leitura, diz Heidegger.⁷⁴

⁷² HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 364

⁷³ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 366

⁷⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 366

“Somente a partir da verdade do ser deixa-se pensar a essência do sagrado. E somente a partir da essência do sagrado deve ser pensada a essência da divindade. E, finalmente, somente na luz da essência da divindade pode ser pensado e dito o que deve nomear a palavra ‘Deus’. Ou será que não devemos ser capazes de, primeiro, entender e escutar com cuidado estas palavras, se nós homens, isto é, como seres ec-sistentes, quisermos ter acesso a uma experiência de uma relação de Deus para com o homem?” Então, Heidegger considera a época que escreve, ou seja, o logo após II Guerra para indagar como poderia o homem daquele tempo questionar rigorosamente se o Deus se aproxima ou se subtrai, se antes não pensa para dentro da dimensão na qual a própria questão da proximidade ou subtração de Deus pode ser pensada, ou seja, a dimensão do sagrado que permanecerá fechada “caso não se clarear o aberto do ser para, em sua clareira, estar próximo do homem.” E conclui Heidegger: “talvez o elemento mais marcante desta idade do mundo consista no ‘rígido’ fechamento para a dimensão da graça. Talvez seja esta a única desgraça.”⁷⁵

3. A NECESSIDADE DE UMA ÉTICA

Como se viu, logo no início da carta, Heidegger chama atenção para a necessidade de pensarmos a essência do agir. Agir é, então, o consumir que significa levar alguma coisa até a plenitude de sua essência. Só se leva à plenitude o que já é e o que é, antes de tudo, é o ser.

Heidegger agora afirma que há muito lhe perguntam sobre se escreveria uma Ética. Numa época na qual a perplexidade se exacerba, parece mais urgente requerer-se regras obrigatórias para o agir do homem. Todavia, afirma Heidegger, a indigência da situação está no fato de que, no tempo de predomínio do modo técnico de

⁷⁵ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 366

pensar, quando o homem da técnica está entregue aos meios de comunicação de massa, a ordenação de seu planejar e agir como um todo precisará corresponder à técnica. A concepção moderna do homem da técnica leva à noção de uma ação utilitária. Mas será que ainda é possível manter e garantir os laços estabelecidos, deixar de pensar o ser que se manteve esquecido tanto tempo e agora se anuncia no momento da história universal através da comoção de todos os entes? Pergunta Heidegger.⁷⁶

Porém, antes de determinar as relações entre Ontologia e Ética é preciso, diz Heidegger, pensar o que significa cada uma delas, se o que se entende com esses termos ainda pode ser nomeado dessa forma quando se pensa a verdade do ser. O que Heidegger propõe é pensar a relação da Ontologia e da Ética, que bem poderemos estender para, aí, pensar o Direito, com a Filosofia, de tal forma que se considerassem caducas tanto essas disciplinas como suas relações. Nosso pensar adquiriria mais disciplina, diz ele. Começa, então, a narrar o surgimento da Ética na escola de Platão que ocorre juntamente com a Lógica e a Física. "As disciplinas surgem ao tempo que permite a transformação do pensar em "Filosofia, a Filosofia em *epistême* (Ciência) e a Ciência mesma em um assunto de escola e atividade escolar. Na passagem por esta Filosofia assim entendida, surge a Ciência e passa o pensar." Até aí, os pensadores não conheciam Lógica, Ética, ou Física como distintas e nem por isso seu pensar era ilógico ou imoral. Toda Física posterior nunca alcançou a profundidade e amplitude que se pensava a *physis*. Sobre o *ethos*, melhor ler as tragédias de Sófocles que a Ética de Aristóteles,⁷⁷ já por ali não aparecer o que neste se esboçará pioneiramente, que é a diferença entre um direito positivo de outro, natural.

Explica Heidegger que a essência do *ethos*, ou seja, "o sentido

⁷⁶ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 367

⁷⁷ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 367 - 368

arcaico-originário da ética”⁷⁸ brota numa sentença de Heráclito de apenas três palavras: “*Ethos anthrópo daímon*”. Costumeiramente essa frase é traduzida por: “o modo próprio de ser é para o homem o demônio”. Afirma Heidegger que essa tradução pensa de modo moderno e não de modo grego. Originalmente, “*ethos* significa morada, lugar da habitação. A palavra nomeia o âmbito aberto onde o homem habita. O aberto de sua morada torna manifesto aquilo que vem ao encontro da essência do homem e se mantém por sua proximidade. A morada do homem contém e conserva o advento daquilo a que o homem pertence em sua essência. Isto é, segundo a palavra de Heráclito, o daímon, o Deus.” A tradução da frase, então seria, ao modo grego: “o homem habita, na medida em que é homem, na proximidade de Deus.”⁷⁹ O que podemos entender como a proposta de que o homem se cria se torna o que é, criador de mundo, ao conceber, na e pela linguagem, a ordem linguística, a divindade da ordenação ou ordem do real da qual escapa, não sendo de nos surpreender, nessa perspectiva, se tal divindade, na concepção dita anímica, é encarnada nos seres que se inserem nessa ordenação, a exemplo de objetos, animais e plantas.

Há ainda, relata Heidegger, uma narrativa de Aristóteles que concorda com a tradução por ele sugerida e pode ajudar a precisá-la já que, para Heráclito – pensador originário – Deus não pode ter sentido metafísico. Diz-se que alguns forasteiros chegaram até Heráclito e o encontraram em uma caverna aquecendo-se junto a uma pequena fogueira. Os forasteiros ficaram surpresos, hesitaram e Heráclito os encorajou convidando-os a entrar dizendo: “pois também aqui estão presentes (habitam) deuses.”

⁷⁸ CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 158. Este autor, na página seguinte traz outras traduções para o fragmento de Heráclito que se mantém sob a égide do horizonte metafísico: “a individualidade é o demônio do homem”, “o ético no homem é o demônio”, “o caráter é o destino (daímon) de cada homem”.

⁷⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 368

Apesar dessa história falar por si mesma, Heidegger destaca alguns pontos. O primeiro é que, diante da simplicidade da moradia do pensador, que se mostra semelhante a dos homens comuns, os forasteiros ficaram frustrados e desconcertados. Segundo, os forasteiros esperavam encontrar junto do pensador algo de extraordinário, esperavam vê-lo mergulhado em suas meditações, o que forneceria assunto para conversas futuras. Era isso que os forasteiros queriam viver. Não para serem atingidos pelo pensar, mas apenas para dizerem que viram e ouviram o pensador.

Nada disso ocorre. Os forasteiros encontram o pensador próximo a um forno se aquecendo. Nada há de incomum, está ali revelada toda a indigência do pensador e os curiosos perdem a vontade de entrar e se afastam. O que faz Heráclito para reverter isso? Infunde-lhes coragem, convida-os para entrar dizendo: "os deuses também estão aqui presentes." Essas palavras, então, fazem com que a morada (*ethos*) e o agir do pensador adquiram nova luz, embora não se saiba se os visitantes compreenderam isso. O "também aqui" da frase de Heráclito, ou seja, junto ao fogo, numa caverna, nesse lugar corriqueiro, simples, "onde cada coisa e cada circunstância, cada agir e cada penar, são costumeiros e banais, isto é, familiares (pois, também aqui), no âmbito familiar, a coisa é de tal modo, 'que os deuses estão presentes'."⁸⁰ Então diz Heráclito: "A habitação (familiar) é para o homem o aberto para a presentificação do Deus (não-familiar)."⁸¹

A questão da necessidade de se escrever uma (outra) Ética fica agora mais clara, pois "se de acordo com a significação fundamental da palavra *ethos*, o nome Ética diz que medita a habitação do homem, então aquele pensar que pensa a verdade do ser como o elemento primordial do homem enquanto alguém que ec-siste

⁸⁰ E "deuses, aqui quer dizer: o extraordinário e não o Summum Esse Subsistens da metafísica. (...) A sentença heracliteana, então, visa reconduzir os jovens à experiência originária do real, na qual ordinário (ente) e extraordinário (ser) vigem em unidade." CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. p. 162

⁸¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 369

já é em si a Ética originária. Mas esse pensar não é apenas Ética, porque é Ontologia.” A Ontologia permanecerá sem fundamento enquanto não pensar a verdade do ser. E o pensar, que desde Ser e Tempo é proposto por Heidegger, “questiona a verdade do ser e nisso determina o lugar essencial do homem, a partir do ser e em direção a ele, (e) não é nem Ética nem Ontologia.” Nem a relação entre ambas tem mais cabimento com esse pensar. “(...) o pensar, (que) pensando a verdade do ser, determina a essência da *humanitas* como ec-sistência a partir do fato de pertencer ao ser”, não é teórico nem prático. Ele acontece antes dessa distinção. Este pensar é apenas a lembrança (saudade) do ser, não produz resultado ou efeito, satisfaz sua essência enquanto é. Este pensar pensa o ser e o faz pertencendo ao ser. Pensa o ser porque jogado pelo ser na guarda de sua verdade (do ser) e requisitado para essa guarda.⁸²

“O pensar trabalha na edificação da casa do ser.” E o que é a casa do ser? Heidegger já havia dito: “a linguagem é a casa do ser. Nesta habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação.”⁸³ Nesta casa mora a essência do homem como ec-sistência de acordo com o destino do ser, de acordo com o que destina o ser, na proximidade do ser, na juntura do ser que dispõe o homem para essa morada. “Este morar é a essência do ‘ser-no-mundo.’ O ‘ser-em’ da expressão ‘ser-no-mundo’, diz Heidegger, não é apenas um jogo de palavras. E cita Hölderlin: “cheio de méritos, todavia, poeticamente, habita o homem esta terra.” Recorrer ao poeta não é apenas ‘um enfeite’ para o pensar ‘que foge da Ciência e refugia-se, salvando-se na poesia. “O discurso sobre a casa do ser não é uma transposição da imagem da ‘casa’ para o ser; ao contrário, um dia seremos mais capazes de pensar o que é ‘casa’ e ‘habitar’ a partir da essência do ser adequadamente pensada.”⁸⁴

⁸² HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 369 -370

⁸³ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 347

⁸⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 370

Repita-se: "o pensar trabalha na edificação da casa do ser", mas "não cria a casa do ser." A '*humanitas do homo humanus*' é a existência historial que é conduzida pelo pensar ' para o âmbito onde nasce o que é salutar (o que salva)." O pensar conduz a '*humanitas do homo humanus*' para onde nasce o que lhe faz bem, o que pode lhe salvar. Mas nesse mesmo lugar – com o que é salutar, com o que lhe faz bem, cura e salva – também se manifesta, na clareira do ser, o mal.⁸⁵ Lembre-se a citação de Hölderlin no texto sobre a questão da técnica:

"Ora, onde mora emerge o perigo é lá que também cresce o que salva."⁸⁶

E quando Heidegger aqui diz 'o mal' não se refere à maldade do agir humano, "mas reside na ruindade da grima."⁸⁷ O ser do bom e da grima (ferocidade) só se desdobra no seio do ser à medida que "o próprio ser é o que está em conflito."

Porém, há sempre o perigo, o risco do homem não pensar, entregar-se ao ente, ao esquecimento do ser, entregar-se ao modo técnico de pensar e viver. Não deixar que o ser seja, que alcance a linguagem e se manifeste. O homem, então, se desaloja ou, para usar o termo de Simone Weil, se desenraiza.

O homem em todo canto – num extremo de soberba – se arvora em juiz de seus atos. Apoiado pela Ciência e também pelo Direito, certificado por ela e homologado por ele, alardeia-se capaz de determinar com certeza sim e não, de julgar com definitividade o fazer e não fazer. Num tempo como aquele que escreve Heidegger (1946) ainda seria possível iludir-se nessa capacidade? "Somente na medida em que o homem, ec-sisitindo na verdade do ser, a este pertence, pode vir do próprio ser a adjudicação daquelas ordens que se devem tornar lei e regra para o homem." E explica Heidegger:

⁸⁵ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 370

⁸⁶ HEIDEGGER. Martin. A questão da técnica. p. 31

⁸⁷ Grima: sentimento de agressividade, rancor ou frustração, ódio, raiva, fúria.

adjudicar em grego significa *némein*. Originariamente *nómos*, portanto, não é apenas lei, mas “a adjudicação oculta na destinação do ser.” Somente esta destinação do ser é capaz de dispor o homem no seio do ser e, assim, é capaz de sustentar e vincular. Se não for assim, “toda lei permanece apenas artifício da razão humana.” Então, “mais importante que qualquer fixação de regras é o homem encontrar o caminho para morar na verdade do ser. É somente esta habitação que garante a experiência do que pode ser sustentado e dar apoio.” E ‘apoio’ (*Halt*) em alemão, explica Heidegger, significa ‘proteção’ (*Hut*). A proteção do homem é o ser. Mas o homem está perdido no esquecimento do ser. “O ser é a proteção que guarda o homem em sua ec-sistência” e o faz de tal maneira que protege o homem para sua verdade (do ser) instalando a ec-sistência na linguagem. “É por isso que a linguagem é particularmente a casa do ser e a habitação do ser humano.” Porém, o homem pode “não estar em casa na sua linguagem” de tal forma que ela se torna apenas um “habitação de suas maquinações (*Machenschaft*, também “produtivismo”).”⁸⁸ O homem, então, está desprotegido.

As relações do pensar do ser com o comportamento teórico e prático ultrapassa toda consideração porque seria manter-se num ver próprio da teoria. O pensar é um agir porque “atenta à clareira do ser enquanto deposita seu dizer do ser na linguagem como habitação da ec-sistência”. Porém esse agir do pensar supera toda práxis. Este pensar não produz resultado, efeito. “O pensar traz à linguagem, em seu dizer, apenas a palavra pronunciada do ser.”⁸⁹

Essa expressão ‘trazer à linguagem’ deve, explica Heidegger, ser interpretada literalmente: o ser chega à linguagem pelo pensar iluminando-se. A ec-sistência – a *humanitas* do *homo humanus* – habita a casa do ser pensando. Esse pensar não é o pensar prestigioso

⁸⁸ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 371

⁸⁹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 371

da Filosofia, acessível apenas aos iniciados, ou mesmo o pensar do conhecimento científico e de seus empreendimentos de pesquisa. O pensar do ser, por ser simples, torna-se para nós irreconhecível. Porém, sem apoio no ente poderia esse pensar tornar-se vítima da arbitrariedade? Heidegger responde mais uma pergunta da carta: "Como salvar o elemento de aventura que toda procura encerra em si sem fazer da Filosofia uma simples aventureira?"⁹⁰

A Poesia, como o pensar, diz Heidegger, se defronta com as mesmas questões e cita Aristóteles, em famosa passagem do livro da Poética: "o poematizar é mais verdadeiro que o investigar o ente." O pensar não é apenas uma aventura através e em busca do desconhecido. O pensar é o pensar do ser e requisitado pelo ser. O pensar se dá no advento, no aparecimento, na chegada do ser e o ser já se destinou ao pensamento. "A única tarefa do pensar é trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera o homem." É por isso que os pensadores essenciais dizem sempre o mesmo, mas não o igual. E só dizem para quem se empenha, se dispõe a meditar sobre eles. O elemento aventureiro permanece no constante risco do pensar. E outra vez, mais uma vez, a palavra de Hölderlin agora sobre a linguagem: "mas em choupanas mora o homem." Que ele denomina: "o mais perigoso dos bens."⁹¹

O perigo de não habitar a casa do ser, manter-se em choupanas, é o grande perigo. "A boa disposição do dizer do ser enquanto destino da verdade é a primeira lei do pensar, e não as regras da Lógica (...)." É preciso que meditemos, que pensemos com radicalidade o ser, o que deve e como deve ser dito. O tríplice elemento: "o rigor da meditação, o cuidado do dizer, a parcimônia da palavra."⁹²

⁹⁰ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 372

⁹¹ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 372-373

⁹² HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 373

Não é a Filosofia, ou a Metafísica (que significa o mesmo, diz Heidegger), que deve ser valorizada, e até supervalorizada, o que conduz a que se exija dela o que ela não pode fornecer. Nesses tempos de indigência nos quais escreve Heidegger, tal como ele os (des)qualifica – e tem sido diferente de lá para cá? – “é preciso menos Filosofia, mas mais desvelo do pensar; menos literatura e mais cultivo da letra.” É preciso habitar a linguagem, cultivá-la, cuidá-la como o camponês que cultiva e cuida da terra fazendo sulcos nela, sem requisitá-la, inquiri-la ou torná-la disponível. Fazer “laturaterra”, como certa feita disse o célebre psicanalista francês Jacques Lacan,⁹³ bastante influenciado por Heidegger (apesar disso ser pouco conhecido e reconhecido). Nas palavras de Heidegger: “A linguagem é assim a linguagem do ser, como as nuvens são as nuvens do céu. Com, seu dizer, o pensar abre sulcos invisíveis na linguagem. Eles são mais invisíveis que os sulcos que o camponês, a passo lento, traça pelo campo.”⁹⁴

CONCLUSÃO

O difícil universo heideggeriano torna improvável uma correta conclusão sobre seu pensamento. Por isso é melhor, mais uma vez, seguir suas próprias palavras e evitar falar em conclusão, mas apenas em “marcas de um caminho”.⁹⁵ Um caminho de pedras, onde não se desliza,

⁹³ Cf. Laturaterra (1971). Tradução Jairo Gerbase. In: www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/LITURATERRA%20jairo.doc (consultado em 26.12.2012).

⁹⁴ HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. p. 373 Vale destacar, nesse contexto, passagem do final do texto antes referido de Lacan, publicado em 1971:

“Só há de direito escrito, como só há medida vinda do céu.

Mas, tanto escrita como medida são artefatos a habitar apenas a linguagem. Como a esqueceríamos se nossa ciência só é operante por um escoamento de pequenas letras e de gráficos combinados?”

⁹⁵ Heidegger sempre evitou falar em obra. Os momentos de seu percurso existencial foram sempre referidos como “marcas de um caminho” – título de uma coletânea sua de ensaios escrito em um arco de cinquenta anos, “Wegmarken”, onde se pode também vislumbrar uma alusão ao seu instrumento de trabalho por excelência, a que chamou, no período inicial de sua trajetória [v. o que escrevo a respeito em miha TSE de doutorado em filosofia – WSGF], “indicações formais”, formelle Anzeige, a partir de elaboração originalmente devida a Husserl - conforme se encontra em: CASANOVA. Marco Antonio. Compreender Heidegger. 2.ed. Petrópolis: Vozes. 2010. p. 10. Daí ter escrito no frontispício do primeiro volume de sua monumental “Obra Completa”, ainda em publicação: “Wege, nicht Werke”, ou seja, “caminhos, não obras”.

onde cada passo requer esforço, árduo esforço. Mas também em cada passo, quando efetivamente dado, nova luz se faz e da mesma forma novo mistério surge. O caminho que se trilha ao tentar compreender o pensamento de Heidegger é também velamento e desvelamento. Porém, já não pensamos mais. Repetimos. Somos a voz do eco.

Como um corpo que há muito não se exercita, nosso pensamento tem dificuldades para qualquer movimento. Significa isso um biologismo? Será que o ser humano – o ser do homem – pode ser pensado assim? Biologicamente? Não teríamos já sabido sua essência com as descobertas sobre o DNA? Longas cadeias, todavia, mudas. Nada do que a prestigiosa Ciência descobriu diz o que é o homem. Esse ser jogado, sem começo e com a consciência de seu fim e sempre assustado com o indizível. Sempre preso à ilusão da objetividade, do já conhecido, do já dito e repetido. De onde poderá vir o socorro? O socorro não vem do céu como dádiva da salvação. O socorro se dá no caminho, no caminho do pensamento.

É preciso pensar e não permanecer no já dito, já posto, estabelecido, pacificado (para usar expressão jurídica). Insistindo no já conhecido, esquecendo o ser... Talvez seja o medo do indizível.

Então, façamos, pelo menos, um esforço para conseguir caminhar. Ouçamos aqueles que guardam o lugar que habitamos:

(...)

bem cedo o Destino nos fustiga...

e para trás rastos vão ficando.

esconjuro-te! deixa que te diga:

não chores por sombras, tudo é ilusão.

ai de quem com quimeras vai sonhando

*entre as garras e os dentes do leão!
que a vida não te iluda e entorpeça já,
para a vigília são teus olhos feitos. (...)⁹⁶*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDUN, Ibn. Tradução Adalberto Alves. In: O meu coração é Árabe – a poesia luso-árabe. 3.ed. Lisboa: Assírio e Alvim.
- AQUINO. Márcia Regina Pitta Lopes. Édipo Rei de Sófocles e a verdade segundo Heidegger. In: ZOVICO, Marcelo Roland. (organizador). Filosofia do Direito: Estudos em homenagem a Willis Santiago Guerra Filho. São Paulo: Clássica, 2012.
- AQUINO. Márcia Regina Pitta Lopes. GUERRA FILHO. Willis Santiago. Matrix como a essência da técnica segundo Heidegger. Fenomenologia e Direito. Rio de Janeiro, v.5, Número 2, p. 97-125, out.2012/mar.2013.
- CABRAL. Alexandre Marques. Heidegger e a destruição da ética. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 109
- CASANOVA. Marco Antonio. **Comprender Heidegger**. 2.ed. Petrópolis: Vozes. 2010.
- DUARTE. Andre. Foucault e Heidegger, críticos do humanismo e da ‘época’ moderna. In: Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GUERRA FILHO, Willis Santiago. O conhecimento imaginário do direito. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- HEIDEGGER. Martin. Sobre o humanismo. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. p. 345 – 373. Coleção Os pensadores.
- _____. Sobre o humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1967.
- _____. Sobre a essência da verdade. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. Coleção Os Pensadores. v. XLV. p.327 – 343
- _____. A questão da técnica. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. In: Ensaios e conferências. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes. 2010. p. 11-38. Coleção Pensamento Humano. p. 11 – 38

⁹⁶ Ibn Abdun (sécs. XI/XII). Tradução Adalberto Alves. In: O meu coração é Árabe – a poesia luso-árabe. 3.ed. Lisboa: Assírio e Alvim. p. 124

LACAN, Jacques. Lituraterra (1971). Tradução Jairo Gerbase. In: www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/LITURATERRA%20jairo.doc (consultado em 26.12.2012).

SAFRANSKI. Rüdiger. Heidegger um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. Tradução Lya Luft. Apresentação de Ernildo Stein. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SARTRE. Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução Vergílio Ferreira. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978.